



MONTALEGRE

BALANÇO DE MANDATO

**“MONTALEGRE CONTRIBUI
COM 200 MILHÕES DE EUROS
PARA O PIB NACIONAL”**



ENTREVISTA A **ORLANDO ALVES**
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

“ Faz falta que se considere o povoamento como um desígnio da República e onde todos os agentes políticos estejam presentes com as suas ideias”

“ Gostava muito de ver uma solução para uma ponte que existe entre Chaves e Montalegre e que vai ficar ali à espera que haja um governo que nos ajude a colocar ali uma estrada”

“ Este ano vamos competir com Fátima, a 13 de maio. Estamos a preparar um programa de luxo, que podemos fazer porque só temos uma sexta 13”

DA AGRICULTURA AOS EVENTOS, RUMO AO FUTURO



É o seu primeiro mandato à frente aos destinos de Montalegre. Desempenhar as funções de presidente tem sido aquilo que esperava?

Sim, tem sido sobretudo a prática que eu pretendi implementar e levar a cabo, honrando assim o compromisso que estabeleci com os munícipes e eleitores na última eleição autárquica. Considero que as expectativas eram grandes, a fásquia foi alta, mas também acho que ao fim do primeiro ano e meio já tinha os principais desígnios estabelecidos no terreno e a velocidade cruzeiro.

Quase dois anos depois da tomada de posse, qual a maior fragilidade do município?

É o défice demográfico que enfrentamos no nosso dia-a-dia e, sobretudo, com a consciência de que não há salvadores da pátria nem haverá ninguém, independentemente da situação financeira que a autarquia possa ter, que consiga tornar esta questão, da mesma forma que não haverá ninguém que consiga perspetivar vida para o futuro do mundo rural. Costuma dizer-se que “o pessimista é o otimista consciente” e isso é o que eu procuro ser e é assim que vou morrer.

Considera que com melhores acessibilidades o futuro poderia ser diferente?

O desígnio das acessibilida-

des é um labéu que serviu para discursos e grandes laudatórias que se fizeram em campanhas e promessas eleitorais, ao qual quem se agarrou agora está corado de vergonha porque acessibilidades é o que o país mais tem e os problemas infelizmente agravam-se todos os dias. Montalegre é a única terra do país que não tem uma acessibilidade direta à rede de autoestradas. Andaram a semear autoestradas por todo o lado e deixaram-nos encurralados entre as serranias tal como sempre estivemos. Mas é importante termos uma ligação rápida ao litoral e aos grandes centros. No entanto, mesmo tendo de conviver com esse constrangimento, Montalegre não se pode queixar, pois os autarcas que por aqui passaram nos últimos 25 anos têm sido suficientemente criativos para criar desígnios, para inovar e fazer com que as pessoas venham à terra. Não é por acaso que a última revista do “Expresso” aponta Montalegre como sendo o concelho do país onde os movimentos das caixas Multibanco, segundo a média dos levantamentos, são maiores. Enquanto a média, no nosso país, é de 61,4 euros, em Montalegre é de 84,2 euros. Portanto, temos de ser audaciosos e criativos, esse é o trabalho que se exige ao autarca. Tem que haver conhecimento profundo da realidade e saber agarrar o futuro.

Em contagem decrescente para uma das festas mais esperadas da região transmontana, a Feira do Fumeiro, o presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Orlando Alves, esteve à conversa com a VTM onde fez um balanço “positivo” do seu mandato e destacou as várias potencialidades do concelho, assim como o vasto trabalho que tem pela frente. O autarca abordou ainda o problema demográfico do concelho, a falta de acessibilidades e a importância da aposta na terra e nos grandes eventos



• A FEIRA DO FUMEIRO MOVIMENTA 3 MILHÕES DE EUROS

Montalegre tem andado nas bocas do mundo devido a grandes eventos que crescem de ano para ano, como a Feira do Fumeiro. São esses os maiores trunfos do concelho?

Se não fossem os eventos que implementamos, a audácia que lhes conferimos e uma fé muito grande, vivíamos numa terra muito mais deprimida e não teríamos a sustentabilidade que temos. A Feira do Fumeiro não vale apenas pelo facto de trazer 80 mil pessoas no fim de semana e se fazer um volume de negócios de 3 milhões de euros, a feira vale pela transversalidade que suscita aos agentes económicos e aos produtores do evento que, mesmo tendo de se inscrever com um ano de antecedência, são obrigados a criar um “reco” com recurso aos produtos da terra. Garantimos esse rigor. As sextas-feiras 13, a Feira do Fumeiro, o Mundial de Rallycross, o Congresso de Medicina Popular, as Festividades de Verão, os emigrantes, os milhares de pessoas que escolhem Montalegre como destino e que fazem com que as unidades hoteleiras do concelho tenham taxas de ocupação fantásticas, são fatores que não existiriam sem a constante aposta em eventos.

De março de 2014 a junho do ano passado fez uma viagem pelas freguesias do

concelho. No final, quais as principais conclusões que tirou?

Foi um périplo que tinha o propósito de, em parceria com os presidentes de junta, verificar quais eram as suas principais aspirações. Fomos ao encontro dos autarcas e juntos calcorreamos caminhos e montes para vermos os obstáculos que teríamos que transpor. Fizemos isso com muito sucesso e também pelo respeito e bom relacionamento que temos com os autarcas. Ainda este ano, vamos iniciar a segunda ronda onde veremos a obra feita. Este desígnio foi planeado desde o início e daqui até ao final do mandato, vamos filmar a nossa capacidade operativa e o grau de satisfação das pessoas.

Devido à crise na área do apoio social, as exigências são cada vez maiores a nível nacional. Em Montalegre tem acrescido pedidos de ajuda por parte dos munícipes? Que respostas têm hoje as famílias mais carenciadas do concelho?

Felizmente vivemos num território onde esses problemas praticamente não se fazem sentir. Mas temos realizado várias intervenções na recuperação e na requalificação das habitações. Um outro caso pontual são as cantinas sociais, através das instituições de solidariedade espalhadas pelo

território, que servem perto de 30 refeições por dia. Estas situações decorrem de pessoas que deixaram de lutar pela vida e o nosso dever é dar-lhes alguma dignidade. Estamos a fazer grandes investimentos e a intervir com força na recuperação da habitação, onde gastamos cerca de 200 mil euros. Lidamos com essa questão com muito entusiasmo e é sempre reconfortante chegar ao final do ano e ver oito ou dez casas recuperadas, prontas a ser entregues e, em alguns casos, até mobiladas.

Sendo Montalegre um concelho do mundo rural e umas das principais áreas de subsistência a agricultura e a pecuária, o município tem avançado com importantes projetos de apoio e dinamização, como por exemplo, na produção da batata e de outras culturas. Esses passos têm dado resultados?

Montalegre é conhecido no país inteiro como sendo a terra da batata. Então, estamos a produzir e a colocar no mercado batata de semente certificada e, dentro de dois ou três anos, a batata que se irá comer em Montalegre será toda certificada. Estamos também a fazer intervenção no campo da produção pecuária, onde pagamos a primeira instalação de pequenos ruminantes, dando 4 mil euros pelos que se instalem com 100 cabeças de ovelhas e cabras. Também estamos a canalizar subsídios anuais, a partir dos oitenta, em função dos encabeçamentos. Pagamos a sanidade animal, que são 270 mil euros por ano para a intervenção sanitária, ou seja pagamos a parte que cabe aos agricultores. Estamos ainda a preparar um regulamento que será implementado este ano para apoiar o gado barroso, nos concursos pecuários, na produção da carne, realizando inúmeros eventos. Apoiaremos a produção atribuindo um subsídio que andar entre os 40 ou 50 euros, pelo nascimento de cada cria. É uma forma de preservar a nossa identidade e defender um património. Organizamos a feira do fumeiro, onde gastamos 100 mil euros em toda a preparação, mas é uma montra do mundo rural, do nosso carácter e apego à terra. Tudo isto são iniciativas que visam a produção e promoção

dos produtos locais. No fundo, é 1 milhão e 200 mil euros por ano do nosso orçamento que canalizamos para a atividade produtiva local e promoção do território.

O envelhecimento e a falta de emprego são fenómenos que levam à perda de população não só do concelho, mas da própria região. O que pode uma câmara municipal fazer para repovoar esta área?

A questão demográfica não pode ser resolvida só pelos jovens, pelas câmaras ou governantes. Tem que haver um envolvimento de todos. E esta forma de como a Europa saiu do carril da solidariedade e bem-estar e degenerou para este capitalismo selvagem onde só a lei do mercado impera, essa é uma ideia perigosa que nada tem contribuído para a sustentabilidade dos territórios. É certo que tem havido gestão ruínosa de muitos governos, mas uma Europa que deslocaliza empresas de um lado para outro e procura de mão-de-obra barata, faz com que, em Portugal, as grandes superfícies abdicuem da qualidade, privilegiem as importações e reduzam à exploração os produtores dos artigos que saem da terra. As pessoas que estão no terreno são exploradas e quase obrigadas a abandonar as suas explorações ou a trabalhar com prejuízo. Eu preferia de longe ver o mundo rural povoado pela simplicidade e alegria das suas gentes.

A nível de turismo, Montalegre é considerado um caso de estudo quando se fala no evento já considerado de dimensão nacional e internacional: a sexta-feira 13. Como explica esse fenómeno e o que se pode esperar este ano?

Este ano vamos competir com Fátima, a 13 de maio. Estamos a preparar um programa de luxo, que podemos fazer porque só temos uma sexta 13. O ano passado tivemos três e o investimento teve que ser repartido. Vamos ter um grande espetáculo com um artista internacional, boa música toda a noite na praça do município, uma parceria com os agentes económicos e, claro, o envolvimento da malta jovem. São atrações turísticas e



• A AGRICULTURA E A PECUÁRIA SÃO DOIS IMPORTANTES PILARES DA ECONOMIA DO CONCELHO

dinâmicas que se foram desenvolvendo ao longo dos tempos, e a verdade é que houve muita fé. Tenho que louvar o padre Fontes, que é um homem que debita ideias a toda a hora e é um ícone e agente promotor da região. Foi ele quem deu o pontapé de saída e o município agarrou a ideia. Temos tido alguns constrangimentos, nomeadamente em termos de mobilidade, ruas estreitas e uma afluência de público enorme. Lá virá o dia em que teremos de abandonar o castelo e partir para outra situação, embora o castelo seja o espaço emblemático da terra.

No próximo fim de semana decorre a esperada feira, dedicada à gastronomia e ao fumeiro. Quais as expectativas para esta edição?

São as maiores e se nevar durante esta semana teremos casa cheia. Esperamos a mesma afluência de público que temos tido em anos anteriores e que o esforço dos nossos produtores seja compensado com o escoamento dos seus produtos. A Feira de Fumeiro de Montalegre já cruzou as crises todas. E, este ano, a comunicação social inventou uma crise nova para os produtos tradicionais portugueses: o botulismo. Como peritos, é importante dizer que é, sim, preocupante, mas só acontece nos produtos que levam conservantes e aditivos para se aguentarem no mercado. É bom que a comunidade perceba isto e saiba distinguir. As pessoas podem vir com toda a tranquilidade à Feira do Fumeiro

e às demais da concorrência porque o que é artesanal está fora desse perigo.

O que representa o setor do fumeiro para o concelho?

Muita coisa. São 200 pequenas unidades fabris que estão espalhadas pelo território, onde as pessoas criam os animais e produzem para ambos. Este ano tivemos muitos aderentes novos. Porém, a questão do despovoamento do território merece ser consensualizada entre os governos e as autarquias. Faz falta que se considere o povoamento como um desígnio da República e onde todos os agentes políticos estejam presentes com as suas ideias. O mundo rural é floresta, agricultura e pecuária. Para quem tem terra e a não produz, deveria haver uma forma de a colocar ao serviço de quem quer trabalhá-la. É preciso pôr ordem na casa. Para as pessoas se fixarem a uma terra precisam de ter um rendimento. Deveriam existir apoios para que o mundo rural se estabelecesse nas grandes cidades, com as suas lojas, para escoar os produtos. Dessa forma, o cidadão urbano em pouco tempo ganharia consciência e aprenderia a selecionar o espaço onde vai comprar, de forma a contribuir para a sustentabilidade e sobrevivência da nação.

Já a meio do mandato, há algum projeto em particular que gostasse de ver concluído a tempo de 2017?

Gostava muito de ver uma solução para uma ponte que existe entre Chaves e Monta-

legre e que vai ficar à espera que haja um governo que nos ajude a colocar ali uma estrada. É uma vergonha ficar ali aquela obra abandonada e só injetando capital é que pode andar para a frente. Tentei tudo junto do governo cessante e, em conjunto com a câmara de Chaves, encontrar uma solução junto das Infraestruturas de Portugal (IP). Estamos a falar de um investimento de 8 milhões de euros. É ridículo uma terra como Montalegre, que contribui com 200 milhões de euros de produção de energia para o PIB nacional, não tenha

sempre o lamento de vermos que o quadro comunitário para o nosso município tem pouco dinheiro. Três milhões de euros para investimento nos próximos sete anos. Também queria desenvolver em Vilar de Perdizes o centro de medicina alternativas, onde se fizesse o congresso de medicina popular com dignidade, e intervenções em equipamentos na sede do concelho, como o centro de iniciativas empresariais e associativas, onde estava a antiga central de camionagem e que está numa profunda degradação. É um investimento de 800 mil euros. Gostava que a



• AUTARCA RECLAMA MAIS APOIOS PARA MONTALEGRE

por parte da República uma esmola para que possamos fazer a acessibilidade daqui a Chaves. Vamos fazê-lo com o nosso orçamento, iniciando a obra ainda este ano. Montalegre vai fazer a intervenção até aos limites do concelho, pela estrada que existe atualmente em que vamos melhorar a plataforma reduzida. Gostava ainda de conseguir recuperar a Quinta da Veiga. Depois, há

porta não fosse tao estreita e o Portugal 2020 viabilizasse alguns dos meus anseios.

Que mensagem deixa aos montalegrenses para este ano?

Muita saúde para todos e um bocadinho de alegria, porque havendo saúde também há alegria e vontade de trabalhar. Esperamos um ano tranquilo, risonho com perspectivas de futuro para uma terra bonita.

Feira do Fumeiro e Presunto de Barroso



a alimentar tradições desde 1991

21,22,23 e 24
JANEIRO



MONTALEGRE

FEIRA DO FUMEIRO E PRESUNTO DE BARROSO

25 Anos